

ELEANOR H. PORTER

POLLANA

moça

TRADUÇÃO
Monteiro Lobato
Edição revista e atualizada



MILK
SHAKESPEARE

ELEANOR H. PORTER



POLLANA
moça

TRADUÇÃO:
Monteiro Lobato

Edição Revista e Atualizada



REVELAÇÕES DE DELLA

Dona Della Wetherby desceu correndo a escadaria da residência de sua irmã, na avenida Commonwealth, e apertou com firmeza o botão da campainha. Ela irradiava saúde, felicidade e confiança. Até mesmo as palavras dirigidas à mulher que veio recebê-la vibravam com uma intensa alegria de viver.

— Bom dia, Mary. Minha irmã está em casa?

— Es... está, sim, senhora — foi a resposta hesitante. — Mas me disse que não quer receber ninguém.

— Acho que não sou ninguém — disse dona Wetherby, sorrindo. — Não precisa ficar preocupada, eu assumo a responsabilidade de tudo, que tal? — disse ainda, vendo a indecisão medrosa da empregada. — Ela está na sala?

— Sim, senhora, mas...

Dona Wetherby já estava no meio da ampla escada e foi com uma leve ruga de contrariedade na testa que a empregada fechou a porta. Lá em cima, no hall, sem a menor hesitação, foi até uma porta entreaberta e bateu.

— Ah, Mary! — respondeu uma voz repreensiva. — Já falei que... Ah, é você, Della! — E a voz se acalmou, demonstrando carinho e surpresa. — Veio de onde, querida?

— Da beira-mar — respondeu a moça, sorrindo e já dentro do quarto. — Vim passar o domingo em companhia de duas enfermeiras e depois volto ao centro de recuperação. Não pretendo demorar. Vim para isto. — E deu um beijo afetuoso na irmã.

Dona Ruth Carew recuou um tanto friamente. A alegria passageira que tinha iluminado seu rosto ao ver a irmã cedeu lugar a uma irritação, que basicamente ficava ali o tempo inteiro.

— Não me surpreende que seja uma visita rápida, Della — disse dona Carew de propósito.

A moça riu, mas, de repente, mudou o tom de voz e de expressão e encarou a irmã com um olhar sério, embora carinhoso.

— Ruth, minha querida, seria impossível para mim viver nesta casa. Você sabe.

— Não sei, não — respondeu dona Carew com voz seca.

— Sabe, sim — insistiu Della, meneando a cabeça. — Não me sinto bem nessa solidão e com essa sua insistência de continuar na tristeza.

— Mas eu sou triste mesmo!

— Pois não deveria ser.

— Por que não? Por que eu deveria mudar?

Della Wetherby fez um gesto de impaciência.

— Ruth, não se esqueça de que você tem apenas trinta e três anos e uma ótima saúde, melhor dizendo, poderia ter uma ótima saúde, caso se cuidasse. Além do mais, é rica. Por que se afundar nesta casa, que mais parece um túmulo, e mandar a empregada dispensar todo mundo em vez de sair para um passeio num dia tão lindo como hoje?

— Não quero ver ninguém.

— Mas é preciso contrariar essa disposição.

Dona Carew suspirou cansada e meneando a cabeça.

— Por que você nunca me entende, Della? Você bem sabe que não possuo o seu temperamento. Eu não consigo esquecer.

Uma expressão de dor tomou conta do rosto de dona Wetherby.

— Você está falando de Jamie, não é? É óbvio que não me esqueci dele, minha cara. Mas não é assim deprimida que vamos encontrá-lo.

— Como se eu já não o tivesse procurado por oito longos anos antes de cair nesta apatia! — disparou dona Carew com amargura na voz.

— Sei disso e não digo o contrário — declarou a outra. — E temos que continuar o procurando a vida inteira. Mas não desse jeito.

— Não tenho coragem para levar outra vida — murmurou tristemente Ruth Carew.

Ficaram em silêncio por alguns instantes. Della encarava a irmã com reprovação.

— Ruth — disse por fim, meio irritada —, você que me perdoe, mas quer mesmo continuar assim, apodrecendo na cama? Sei que é viúva, mas lembre-se de que seu casamento durou apenas um ano e de que seu marido era velho. Você era muito nova quando se casou e esse único ano casada deve parecer quase um sonho distante agora. Tenho certeza de que uma lembrança tão distante não iria aborrecê-la pela vida inteira.

— Não, não — suspirou dona Carew.

— Então você vai continuar assim para sempre?

— A não ser que encontre Jamie!

— Não há nada no mundo que possa deixá-la pelo menos um pouquinho feliz?

— Parece que não, não que eu consiga pensar — suspirou dona Carew indiferente.

— Ruth! — exclamou Della, impelida por algo semelhante a uma raiva súbita, mas logo em seguida se acalmou e deu uma gargalhada alta. — Ah, Ruth, minha vontade é de lhe dar uma dose de Poliana! Não conheço ninguém que precise tanto desse remédio.

— Bom, não sei o que é esse tal de Poliana, mas já garanto que não preciso desse remédio — retrucou dona Carew com uma firmeza arrogante. — Você trate de se lembrar que aqui não é seu centro de recuperação e que não sou nenhuma paciente, para andar recebendo prescrições médicas e recomendações.

— Poliana não é remédio, minha cara — respondeu Della com seriedade —, embora muita gente a considere um excelente xaropinho. Poliana não passa de uma menina.

— Uma criança? E como é que eu iria saber disso? — disse dona Carew, um tanto ofendida.

— Pois, se existe um remédio chamado beladona, poderia muito bem existir um chamado Poliana. Além do mais, você está me recomendando algum medicamento e falou em “dose” ainda por cima.

— Pois fique sabendo que Poliana é um medicamento, sim. Pelo menos uma espécie de medicamento — sorriu Della. — Os médicos lá do centro de recuperação dizem que ela é ainda melhor que qualquer remédio. Trata-se de uma menina aí, de uns catorze anos, que passou alguns meses lá conosco. Infelizmente só a conheci por pouco tempo, pois teve alta logo que eu entrei. Mas foi o bastante para eu sentir a belíssima influência. O centro de recuperação inteiro hoje brinca do jogo de Poliana.

— Jogo?

— Sim, jogo. O “jogo do contente”. Nunca vou esquecer da primeira vez que ouvi falar dele. Poliana estava sendo submetida a um tratamento doloroso, aplicado todas as terças-feiras de manhã, e logo após a minha chegada isso ficou sob minha responsabilidade. Aceitei a tarefa bem contrariada, porque já sabia de antemão que de uma criança só poderia esperar má vontade e choro, na melhor das hipóteses. Mas para minha grande surpresa ela me recebeu com um sorriso e foi logo dizendo que estava satisfeita em me ver; e o mais admirável foi que não soltou um pio durante todo o tratamento, embora fosse extremamente doloroso. — Dona Wetherby fez uma pausa e então continuou. — Não consegui esconder meu espanto, então ela explicou: “Já fui medrosa como as outras e eu sempre ficava apavorada quando pensava no tratamento, mas foi quando eu pensei que era igualzinho aos dias de lavar roupa com Nancy nas terças-feiras, porque só acontecia uma vez por semana.”

— É extraordinário — comentou dona Carew, de testa franzida e sem ter entendido direito aquelas palavras. — Mas ainda não vi jogo nenhum.

— Foi o que aconteceu comigo a princípio. Mais tarde Poliana explicou. Filha de um ministro protestante, muito pobre e órfã de mãe, foi criada pelas moças da caridade. Quando era muito criança, quis uma boneca e esperou que fosse conseguir uma nas caixas de doações que a sociedade mandava ao missionário todos os meses; mas em vez de boneca recebeu um par de muletinhas.

Como criança que era, chorou de desapontamento. Foi então que o pai lhe ensinou que o meio de viver contente era procurar qualquer coisa alegre em tudo que lhe acontecesse. Vieram muletas? Ótimo. Deveria ficar contente de não precisar delas. Desde então, Poliana passou a jogar o “jogo do contente”, e tanto mais bonito era o jogo quanto mais difícil fosse encontrar a alegria.

— Realmente extraordinário! — murmurou dona Carew.

— Você acharia ainda mais extraordinário se soubesse os resultados desse jogo lá no centro de recuperação. E segundo me contou o doutor Ames, Poliana já havia revolucionado a cidadezinha de onde viera. O doutor Ames é conhecido do doutor Chilton, marido da tia de Poliana, e, a propósito, creio que esse casamento aconteceu por intermédio da menina, que desfez uma briga de velhos namorados. — Dona Carew parecia interessada na história, desse modo, Della prosseguiu. — Há dois anos, mais ou menos, depois que perdeu o pai, Poliana foi morar na casa da tia. Em outubro, foi vítima de um acidente de automóvel e condenada a nunca mais andar. Em abril, o doutor Chilton internou-a no centro de recuperação, onde ficou até março, quase um ano, até poder voltar para casa praticamente recuperada. Apenas uma coisa a impediu de ficar completamente feliz: não poder voltar a pé. Na cidadezinha, a chegada de Poliana foi uma festa; receberam-na com desfiles e banda de música. Mas estou perdendo tempo falando dessa menina. O essencial é conhecê-la pessoalmente, e por isso venho sugerir a você uma dose de Poliana. Garanto os efeitos.

Dona Carew repuxou os lábios.

— Peça licença para não concordar — disse friamente. — Não pretendo ser “revolucionada” e não tenho “brigas de namorados” a serem desfeitas. De forma alguma eu toleraria uma dona Prim de rosto comprido me ensinando a ser agradecida. Jamais...

Uma sonora risada interrompeu-a bruscamente.

— Ah, Ruth! Faça-me o favor! Comparar dona Prim com Poliana! É uma pena a menina não estar aqui neste momento. E, como já disse, não adianta falar dela, o necessário é conhecê-la. Chamar Poliana de dona Prim! Até parece...

E deu outra gargalhada. De repente, porém, voltou a ficar séria e encarou a irmã com um olhar apreensivo.

— Querida, não há nada mesmo que possamos fazer? — questionou. — Você não pode continuar assim. É preciso se esforçar, sair, procurar amigas.

— Por que, se não me sinto disposta? Estou cansada de ver gente. Além disso, você sabe muito bem que a sociedade sempre me entediou.

— Por que não experimenta se ocupar com alguma coisa? Caridade, por exemplo.

Carew fez um gesto de impaciência.

— Della, quantas vezes já discutimos isso? Faça muita caridade. Acho até que doo demais, para quem não crê na pobreza.

— Mas se em lugar de dinheiro desse um pouquinho de si mesma, querida... — arriscou Della meigamente. — Se fosse possível interessar-se por algo, já seria um grande passo para a felicidade. Além do mais...

— Della — interrompeu dona Carew —, gosto de você e fico feliz quando a vejo aqui. Mas não vá achando que estou disposta a ouvir sermões. Talvez você se dê muito bem no papel de anjo da piedade, aliviando a dor alheia e curando os ferimentos dos que sofrem. Talvez isso a ajude a se esquecer de Jamie. Mas isso comigo não funciona. Muito pelo contrário, não consigo parar de pensar nele e fico sempre me perguntando se ele não deve estar precisando de alguém que lhe sirva de enfermeira. E, francamente, a ideia de ficar lidando com o povo não me anima nem um pouco.

— E você já tentou?

— Nunca — respondeu dona Carew, com um desdém orgulhoso.

— Pois antes de falar, experimente — retrucou a jovem enfermeira, erguendo-se entediada. — Preciso ir, Ruth. Nosso trem parte ao meio-dia e tenho que encontrar minhas colegas. Pelo visto minha presença aqui esgotou você — terminou com um beijo de despedida.

— Não estou esgotada, não. Só somos diferentes, só isso — suspirou dona Carew.

Um minuto depois, Della Wetherby deixava a sombria e silenciosa residência da irmã. Não saía com a mesma disposição com que entrara meia hora antes. O seu bom humor havia evaporado. Caminhou meio quarteirão praticamente se arrastando de tão desanimada.

— Uma semana naquela casa seria o bastante para me entristecer — disse para si mesma. — Nem Poliana conseguirá espantar a tristeza que reina lá.

Mas a descrença na habilidade de Poliana para melhorar a vida de sua irmã não foi duradoura. Logo depois de chegar ao centro de recuperação, Della recebeu uma notícia que a fez tomar de novo o trem para Boston, em procura da irmã. Encontrou tudo como deixara. Dona Carew parecia não ter se movido do lugar.

— Ruth, tive de vir e espero que desta vez você me escute — disse de imediato, após os cumprimentos. — Acho que encontrei uma solução para o seu caso. Ouça: há um jeito de Poliana vir passar um tempinho aqui. Tudo depende de você.

— Mas não quero — respondeu prontamente dona Carew.

Della Wetherby continuou a falar, sem dar a mínima importância à recusa da irmã.

— Ontem, quando voltei ao centro de recuperação, soube que o doutor Ames havia recebido uma carta do doutor Chilton, marido da tia de Poliana. Ele quer fazer uma viagem à Alemanha com a esposa, caso consiga convencê-la a deixar Poliana em algum colégio. Mas dona Chilton não quer deixar a menina ao cuidado de professoras. É aí que surge nossa oportunidade, Ruth. Minha ideia é que você receba Poliana durante este inverno e a matricule em alguma escola aqui perto.

— Que absurdo, Della! Era só o que faltava uma criança aqui para me dar trabalho.

— Poliana não dará o menor trabalho. Já deve estar com treze anos completos e tem mais juízo que muita gente grande.

— Não gosto de crianças precoces — disse dona Carew, rindo com maldade, o que deu ânimo à irmã para insistir com esforços redobrados.

Fosse a novidade do apelo ou o modo com que fora feito; fosse porque a história de Poliana tivesse tocado as cordas do coração de Ruth Carew; fosse por não ter coragem de recusar um tão insistente pedido da irmã; fosse lá o que fosse, o caso é que meia hora depois, ao despedir-se, Della Wetherby levava a promessa de Ruth Carew de receber Poliana em sua casa.

— Mas não esqueça — advertiu dona Carew — que se ela quiser me fazer engolir sermões goela abaixo, será devolvida na mesma hora, entendeu?

— Está bem, isso não me preocupa — disse a moça e saiu a murmurar de si para si: — Tenho meio caminho andado; resta a outra metade, conseguir a vinda de Poliana. Vou escrever uma carta que vai convencê-los. Poliana “precisa” vir, de qualquer jeito!



VÉLHOS AMIGOS

Em Beldingsville, naquele dia de agosto, dona Chilton esperou que Poliana se deitasse, para perguntar a opinião do marido sobre a carta recebida de manhã. Fora forçada a aguardar um momento oportuno, pois as horas de consultas do doutor Chilton e dois chamados urgentes haviam tomado todo o seu tempo.

Eram nove e meia quando o médico entrou na sala de estar. Sua aparência cansada se revigorou quando viu a esposa, ao mesmo tempo que uma pergunta lhe tomou a cabeça.

— O que houve, Poli? — questionou, certo de que havia algo de errado com ela.

— Uma carta. Mas não achei que você fosse perceber minha preocupação.

— Você não consegue esconder o que sente. O que foi?

Dona Chilton hesitou; depois apanhou um envelope que estava ao lado.

— Vou lê-la. É de uma tal de dona Wetherby, do centro de recuperação do doutor Ames.

— Leia depressa — pediu o marido, espichando-se no sofá, junto à cadeira em que a mulher estava.

Ela, entretanto, não se apressou. Levantou-se, e, com um cobertor de lã, cobriu as pernas do marido. Fazia apenas um ano que dona Chilton se casara e, como já tinha quarenta e dois anos, parecia às vezes que queria compensar todo o amor e ternura que guardara durante vinte anos de solidão. O médico, por sua vez, que completara quarenta e cinco anos no dia de núpcias, e que também teve uma vida de solteiro insípida e sem carinho, não negava os cuidados maternos da esposa. Gostava dos carinhos, embora tomasse cuidado para não demonstrar isso com muita frequência. Tinha descoberto que dona Poli passou tanto tempo solteira, que poderia muito bem entrar em pânico e passar a considerar besteira ser tão carinhosa assim, caso sua gentileza fosse recebida com muita estima. Então se contentou a acariciar a mão dela uma ou duas vezes quando ela acabou de cobrir-lhe as pernas e sentou-se para ler a carta.

Prezada dona Chilton: já é a sexta vez que tenho de escrever esta carta porque sempre acabo rasgando os rascunhos. Decidi, então, dizer de uma vez quais são minhas intenções. Preciso de Poliana. Será que é possível?

Conheci a senhora e o seu marido quando estiveram aqui em março, para levar Poliana de volta para casa, mas suponho que não se lembram de mim. Pedi ao doutor Ames (que me conhece muito bem) que escrevesse ao doutor Chilton, reforçando o meu pedido.

Sei que a única coisa que a impede de acompanhar seu esposo à Alemanha é não ter com quem deixar Poliana. É por isso que tomo a liberdade de sugerir que a deixe em nossa companhia. É um favor que peço, pelo seguinte motivo:

Minha irmã, dona Carew, leva uma existência extremamente infeliz. Vive a reclamar da solidão, insatisfeita, descontente de tudo. Só uma pessoa poderá fazê-la encontrar a alegria, levando um raio de sol à penumbra da sua existência. Essa pessoa é Poliana. Será que a senhora deixaria a menina fazer isso? Tentei explicar à minha irmã o que Poliana fez no centro de recuperação, mas não é tão fácil assim. Sem conhecê-la, impossível avaliar essa menina.

É por isso que desejo levá-la à minha irmã. Ela frequentará uma escola, é claro, mas ao mesmo tempo será como um remédio para o coração sofredor de minha irmã adoentada.

Não sei como terminar esta carta. Parece mais difícil ainda do que foi começá-la. Meu desejo era não a concluir nunca, continuar escrevendo sempre - para não lhe dar a oportunidade de dizer não. E, caso a senhora acabe querendo dizer essa palavra terrível, lembre-se de que ainda estou escrevendo sobre o quanto é necessária a presença de Poliana aqui.

*Esperançosamente,
Della Wetherby*

— Aí está — exclamou dona Chilton ao terminar a leitura. — Já viu uma carta escrita com maior habilidade ou um pedido mais absurdo?

— Não acho que seja assim tão absurdo pedir a companhia de Poliana — disse, sorrindo, o médico.

— Não acha esquisito o modo como ela pediu? Servir de remédio para o coração da irmã, como se Poliana fosse alguma espécie de cura.

O doutor riu com vontade.

— Não sei muito bem, mas acho que ela tem razão, Poli. Sempre lamentei não poder recitar para os meus doentes Poliana em comprimido ou em gotas. Charlie Ames diz que se tornou um hábito no centro de recuperação a prescrição de uma dose de Poliana aos pacientes recém-chegados, durante todo o tempo em que a tiveram lá.

— Uma dose? É inacreditável!

— Você acha que ela não deve ir, então?

— Claro que não. Você acha que seu sou capaz de entregar a menina a pessoas completamente estranhas assim? Ao voltarmos da Alemanha, poderíamos encontrá-la num frasco, rotulado e com todas as instruções sobre a maneira de usar o remédio.

De novo o médico sorriu e sacou do bolso um envelope.

— Recebi hoje pela manhã uma carta de Ames — disse ele com um tom estranho na voz.

— Quer ouvi-la?

E leu:

Caro Tom: dona Della Wetherby e sua irmã me fizeram um pedido que não posso deixar de atender. Há muitos anos que conheço as Wetherbys. Descendentes de uma família tradicional e distinta, são moças extremamente educadas. Quanto a isso, não há o que temer.

Eram três irmãs - Doris, Ruth e Della. A primeira se casou contra a vontade dos pais com um moço chamado John Kent. Embora fosse de boa linhagem, Kent era excêntrico e um tanto insuportável. Com a relação estremecida, as duas famílias pouco se comunicavam, até a chegada de uma criança: Jamie. Os Wetherbys adoravam o pequeno. Doris faleceu quando o filho completou quatro anos, então os Wetherbys fizeram de tudo para conseguir a guarda da criança; mas Kent desapareceu de repente e o levou junto. Desde então, apesar de terem procurado muito, seu paradeiro continua desconhecido.

O choque daquela perda inesperada foi indiretamente a causa da morte dos velhos Wetherbys. O casal faleceu pouco tempo depois. Ruth, nessa época, já era viúva. O marido, seu Carew, um homem rico e muito mais velho, acabou batendo as botas um ano depois do casamento, deixando um filhinho que também faleceu pouco depois.

Desde que o pequeno Jamie sumiu, Ruth e Della só tiveram um objetivo na vida: encontrá-lo. Para isso gastaram horrores; não havia obstáculo capaz de impedi-las e cofre que não tenha sido esvaziado, mas de nada adiantou. No fim das contas, Della resolveu se tornar enfermeira e acabou virando uma ótima profissional. Hoje é uma das minhas auxiliares mais eficientes no centro de recuperação, embora não esqueça nunca o sobrinho desaparecido.

Com dona Carew, por outro lado, não foi bem assim. Após a morte do filho, parece que ela concentrou todo o seu desperdiçado e profundo amor maternal no sobrinho. Como é fácil imaginar, o desespero foi imensurável quando percebeu que também estava sendo privada de demonstrar esse afeto. Tudo isso aconteceu há oito anos - oito anos que para ela têm sido longos séculos de saudade, tédio e amargura. Tudo que o dinheiro pode comprar, ela tem à disposição. Nada, porém, consegue distraí-la, nada a interessa. Della acha que chegou a hora de tentar diminuir o sofrimento da irmã e acredita que só Poliana, com seu jeito adorável, é dona da chave mágica que lhe abrirá a porta de uma nova e saudável existência. Então, espero que você compreenda a situação com clareza e não negue o pedido da moça. Devo acrescentar que eu também particularmente apreciaria a sua boa vontade no caso. Ruth Carew e a irmã são boas e velhas amigas minhas e de minha esposa, por isso essa situação mexe tanto conosco.

*De seu amigo,
Charlie*

Ao fim da leitura seguiu-se um profundo silêncio, que o doutor Chilton quebrou com um calmo:

— E então, Poli?

O silêncio continuou. Enquanto olhava fixamente para o rosto da esposa, o médico notou que os seus lábios sempre firmes estavam agora trêmulos, e esperou pacientemente que ela falasse.

— Quando pensa que irão precisar dela? — perguntou por fim dona Poli.

— Quer dizer, então, que vai deixá-la ir para lá? — disse dr. Chilton com certa surpresa.

— Ora, Tom, mas que pergunta! O que mais poderia eu fazer depois de uma carta dessas?

O pedido veio do próprio doutor Ames, não veio? Depois do que esse homem fez por Poliana, não tenho o direito de recusar nada que ele peça.

— Espero que ele nunca se atreva a pedir você, então, minha Poli — murmurou Chilton com um sorriso terno.

Dona Poli disfarçou e disse:

— Pode escrever ao Ames, dizendo que mandaremos Poliana; e peça para que mande dona Wetherby entrar em contato comigo para combinarmos tudo. No começo do próximo mês já quero a menina bem instalada. Só então vou conseguir viajar em paz.

— Quando vai dar a notícia a Poliana?

— Talvez amanhã.

— O que vai dizer?

— Ainda não tenho certeza. Mas acredito que apenas o necessário. Não devemos deixá-la abusada, você sabe. Afinal, não há criança nesse mundo que não se torne insuportável, sabendo que... que...

— Que é um excelente vidro de remédio, com rótulo e tudo — acudiu o marido, sorrindo.

— Isso mesmo — disse a esposa, com um suspiro. — O que nos salva é a sua naturalidade e o fato de não saber o seu valor, embora não ignore que nós dois e quase toda a cidade adotamos o jogo do contente, e que nos tornamos imensamente felizes por causa dele.

A voz de dona Chilton tornara-se levemente trêmula.

— Mas se conscientemente deixasse de ser a criatura adorável, feliz e graciosa que é, sempre a jogar o jogo que aprendeu com o pai, iria se tornar uma criança insuportável. Portanto, não vou deixar transparecer que ela vai para a casa de dona Carew unicamente para curá-la — concluiu dona Chilton. — Não acha que tenho razão?

— Concordo com tudo — aplaudiu o marido.

No dia seguinte, dona Poli, ao informar a menina sobre a decisão tomada, começou com esta pergunta:

— Meu bem, diga para a tia, você gostaria de passar o inverno em Boston?

— Com a senhora?

— Não, porque resolvi acompanhar seu tio à Alemanha. Mas dona Carew, uma velha amiga do doutor Ames, convidou você para passar o inverno em sua casa, e não vejo por que não.

Poliana fez uma cara triste.

— Mas em Boston vou ficar longe de Jimmy, de seu Pendleton, de dona Snow, de todo mundo de que eu gosto, tia Poli!

— Lembre-se, minha querida, de que não os conhecia quando cheguei aqui.

— É verdade, tia Poli — disse Poliana, com um sorriso e admirada. — Quer dizer que em Boston também há uma porção de Jimmies, de seus Pendletons e de donas Snows, que ainda não conheço e que estão à minha espera, não é?

— Isso mesmo.

— Então já tenho por que ficar feliz! Pelo visto a senhora já está mais prática no jogo do contente do que eu. Não me passou pela cabeça que pudesse haver pessoas em Boston à espera de que eu as fosse conhecer. E devem ser muitas. Vi algumas quando fui lá, há dois anos, com dona Gray, ao chegar do Oeste. Paramos duas horas na cidade.

“Lembro de um homem que encontramos na estação, um senhor muito simpático que me indicou onde se podia beber água. Será que ele ainda mora lá? Gostaria de conhecê-lo melhor. Falei também com uma senhora acompanhada de uma menininha. Elas me disseram que moravam em Boston. O nome da menina era Susie Smith. Talvez consiga fazer amizade com elas. Acha que posso? Havia também um menino e outra mulher com um filhinho, mas esses moravam em Honolulu, então não poderei encontrá-los. Mas tenho dona Carew. Quem é ela, tia Poli? É parente nossa?”

— Só você mesmo, Poliana! — exclamou dona Chilton, meio risonha e meio desanimada. — É impossível acompanhar suas histórias! Passa de Boston para Honolulu, vai e volta em dois segundos. Dona Carew não é parente nossa. É irmã de dona Della Wetherby. Lembra de dona Wetherby no centro de recuperação?

— Irmã? Irmã de dona Wetherby? Então deve ser bonita como ela. Como eu gostava dela! Sabia contar lindas histórias e vivia sorrindo. Achei uma pena termos ficado juntas apenas dois meses, pois ela chegou pouco antes da minha saída. No começo fiquei triste por causa disso, mas depois achei que foi melhor assim; se tivéssemos passado o ano inteiro juntas eu teria sofrido o dobro ao ir embora. Agora indo para a casa da irmã, parece que vou tê-la de novo comigo.

Dona Chilton não concordou com aquele ponto de vista e disse:

— Você não se esqueça, Poliana, de que talvez as duas não se pareçam e talvez não tenham o mesmo temperamento.

— Mas não são irmãs, tia Poli? — contestou a menina, arregalando os olhos. — Pensei que todas as irmãs fossem iguais. Conheci duas lá na Missão. Eram gêmeas e tão parecidas que era até impossível diferenciar dona Peck de dona Jones. Só depois que nasceu uma verruga no nariz da segunda é que ficou fácil, porque a gente procurava a verruga antes de falar. Contei isso uma vez em que ela estava reclamando de que todo mundo a confundia com a irmã, dona Peck. Falei que, se todos fizessem como eu, se olhassem primeiro para a verruga, não haveria perigo de engano. Parece que ela não gostou muito, embora eu não visse nenhum mal nisso. Devia até ter ficado satisfeita de possuir alguma coisa que a distinguisse da irmã, já que era presidente e detestava quando não a tratavam com todas as honras do cargo: os melhores lugares, apresentações, atenções especiais nos jantares e na igreja. Mas em vez disso a boba tentava por todos os meios se livrar da verruga, chegou até a colocar sal no rabo de um passarinho, segundo ouvi dona White contar. Mas acho que não adiantou. A senhora acredita que sal no rabo de passarinho possa derrubar verrugas do nariz de alguém, tia Poli?

— Como você fala, Poliana, principalmente quando entram em cena as tais damas da Sociedade Beneficente!

— A senhora não gosta de quando fico falando? — perguntou a menina, fazendo biquinho. — Pois a minha intenção é outra, tia Poli. Mesmo que se contrarie quando falo das damas da Sociedade, a senhora deve ficar contente, porque todas as vezes que penso nelas, penso também no quanto sou feliz por não estar mais lá e ter uma tia que é só minha. Isso não a deixa contente, tia Poli?

— Sim, querida — riu dona Chilton, erguendo-se para deixar a sala e sentindo um súbito remorso ao lembrar-se de que às vezes ainda sentia um pouco de sua antiga irritação contra a constante alegria de Poliana.

Durante os dias subsequentes, enquanto dona Chilton se correspondia com Wetherby sobre a ida da sobrinha para Boston, Poliana aproveitou a oportunidade para fazer várias visitas de despedida.

Havia poucas pessoas em Beldingsville que não a conheciam, e quase todos jogavam com ela o jogo do contente. E assim, de casa em casa, Poliana levou a nova de que ia passar o inverno em Boston. O pesar foi geral, desde Nancy, a empregada de dona Poli, até John Pendleton, residente numa grande casa no alto da colina.

Nancy não hesitou em declarar a todos (menos à sua patroa) que considerava uma bobagem essa ida da menina para Boston. Dona Poliana poderia muito bem ficar com ela em Corners, onde morava a sua família; e dona Poli poderia ir sossegada para a Alemanha e voltar quando bem entendesse.

Seu Pendleton também disse o mesmo, com a diferença de que contou suas ideias para a própria dona Chilton. Quanto a Jimmy, o garoto de doze anos que John Pendleton acolhera a pedido de Poliana e que por vontade própria resolvera adotar, não foi capaz de esconder seu ressentimento.

— Mas faz tão pouco tempo que você chegou! — disse ele, no tom de quem procura disfarçar um choque.

— Estou aqui desde março. Além disso, não vou ficar morando lá, vou apenas passar o inverno.

— Não importa. Você “teve” ausente por quase um ano, e se eu soubesse que ia voltar tão depressa, juro que não teria ajudado o pessoal da cidade a esperá-la com banda de música, quando “vortou” do centro de recuperação.

— Mas que coisa, Jimmy! — exclamou Poliana exaltada. E com a superioridade de um orgulho ofendido acrescentou: — E eu por acaso pedi para me esperarem com tanta coisa assim? E sabe que cometeu dois erros? Você disse “teve” em lugar de esteve; e penso que “vortou”, em vez de voltou, também não é certo. Pelo menos não me soa bem.

— E eu com isso?

O olhar de Poliana tornou-se ainda mais repreensivo.

— Quem foi que me pediu para corrigi-lo, quando falasse errado?

— Se você tivesse sido criada num orfanato, quase que inteiramente abandonada, em vez de viver com uma porção de velhas que não faziam outra coisa senão ensiná-la a falar corretamente, talvez ainda cometesse erros piores, ouviu, dona Poliana Whittier?

— Senhor Jimmy Bean — ralhou Poliana —, as damas da Sociedade Beneficente não eram velhas. Quer dizer, não eram tão velhas — apressou-se a emendar, já que sua propensão natural a dizer a verdade falava mais alto do que a raiva. — Além disso...

— Pois fique sabendo também que não sou mais Jimmy Bean — disse o rapaz, empertigando-se.

— Não é mais Jimmy Bean? É o quê, então? Explique-se!

— Fui legalmente adotado. Há muito que Seu John planejava, até que chegou o dia. De agora em diante meu nome passa a ser Jimmy Pendleton e chamarei seu John de tio Pendleton. Só que, não “tando”, ou melhor dizendo, não “estando” acostumado, ainda não comecei a chamá-lo assim.

Jimmy ainda parecia magoado, mas nas feições de Poliana já não havia mais nenhum traço de irritação. Bateu palmas, numa intensa alegria.

— Que bom! Agora tem um parente que irá cuidar de você de verdade! E com o mesmo nome não precisará explicar aos outros que seu John não nasceu seu parente. Estou tão alegre, tão alegre, que você nem imagina, Jimmy!

O menino saltou do muro de pedra onde estavam sentados e afastou-se, com o rosto todo vermelho e os olhos marejados de lágrimas. Sabia muito bem que devia toda a gratidão do mundo a Poliana. E a tinha tratado daquele jeito...

Cabisbaixo, ficou chutando os pedregulhos do chão, para evitar que as lágrimas saltassem dos olhos. Depois dos chutes apanhou uma pedra e atirou-a longe. Um minuto depois voltou para junto de Poliana, que continuava sentadinha no paredão.

— Vamos apostar quem chega primeiro àquela árvore? — desafiou ele, desejando pôr um fim ao incidente.

— Vamos — aceitou a menina, descendo de um pulo.

A aposta não se concretizou. Poliana ainda não estava em condição de correr. Nem foi preciso. As faces de Jimmy já haviam perdido o rubor e as lágrimas não mais ameaçavam escorrer de seus olhos. Jimmy voltara ao natural.



UMA DOSE DE POLIANA

À medida que se aproximava o dia oito de setembro, data da chegada de Poliana, dona Carew ia ficando cada vez mais e mais irritada consigo mesma.

No começo chegara a se arrepender de ter concordado com a vinda da menina e escrevera à irmã vinte e quatro horas depois pedindo que desse o dito pelo não dito. Della, porém, respondeu que já era tarde demais, pois tanto ela quanto o doutor Ames já haviam escrito aos Chiltons.

Logo depois, chegou a carta de Della, comunicando que dona Chilton havia concordado e que em poucos dias iria a Boston, a fim de arranjar uma escola e essas coisas. Então, tudo o que podia fazer era aceitar. Com isso em mente, dona Carew, embora a contragosto, preparou-se para o inevitável. E foi com toda a polidez que recebeu dona Chilton, quando ela

chegou em companhia de Della. Mas gostou que a falta de tempo impedisse dona Chilton de demorar mais que o necessário para tratar direito do assunto.

Era uma boa mesmo que Poliana chegasse na data combinada, pois o tempo, em vez de fazer dona Carew aceitar que teria de receber a futura hóspede, apenas aumentava sua irritada impaciência diante do seu “absurdo assentimento ao insensato projeto de Della”.

Não passava despercebido para Della que a irmã estava incerta. Se por fora mantinha uma pose confiante, lá dentro tinha medo de que desse tudo errado; mas confiava em Poliana e por isso decidiu arriscar deixar que a menina agisse inteiramente só, sem sugestão nenhuma de sua parte. Ficara combinado que dona Carew as esperaria na estação. Assim, logo após as apresentações, mencionou um compromisso qualquer e despediu-se. Dona Carew, portanto, mal teve tempo de olhar para a menina e já se viu a sós com ela.

— Della! Della, não vá ainda... não posso... — exclamava dona Carew, com a voz aflita, para a enfermeira que se afastava.

Mas Della, caso tenha ouvido, não deu atenção. Visivelmente contrariada, dona Carew se virou para Poliana.

— Muito surpreendente ela não ter ouvido, não é? Tão pertinho! — disse a menina com olhos saudosos postos na enfermeira que se retirava. — E eu não queria que ela se fosse... Mas não importa, estou com a senhora e posso ficar contente com isso.

— Hum! Duvido muito. Olhe, vamos por aqui — disse dona Carew, indicando a direita.

Obediente, Poliana acompanhou-a pela imensa estação, uma ou duas vezes levantando os olhos para a sua expressão fechada. Depois de um tempo, disse hesitante:

— Com certeza a senhora pensou que eu fosse bonita, não?

— Bonita? — repetiu dona Carew.

— Sim, de cabelos crespos, cacheados... Certeza que a senhora imaginou como eu seria, porque é como costume fazer. Gosto de imaginar. Só que eu sabia que a senhora era bonita por causa de sua irmã. Por isso pude ter uma ideia, diferente da senhora, que não tinha ninguém para imaginar como eu seria. Sei que não sou bonita por causa das sardas; e é de desapontar quando a gente espera uma pessoa bonita e aparece uma feia, não? E ainda...

— Que bobagem, menina — interrompeu dona Carew um tanto secamente. — Vamos dar um jeito na sua bagagem antes de mais nada. Esperei que minha irmã nos acompanhasse, mas vejo que ela não quis ficar conosco.

— Talvez não fosse possível — disse Poliana, sorrindo. — Vai ver que alguém está precisando dela. No centro de recuperação vivia ocupada. E é tão chato quando a gente é muito procurada, porque não sobra tempo para coisa nenhuma. Em compensação é agradável saber que os outros precisam da gente, não acha?

Não houve resposta, talvez porque dona Carew, pela primeira vez em sua vida, ficou pensando se, por acaso, haveria alguém no mundo que necessitasse dela.

Os olhos de Poliana varreram a multidão em volta.

— Quanta gente! — exclamou a menina, com ar feliz. — Estou achando mais movimentado que da última vez em que estive aqui; mas ainda não vi nenhum dos meus conhecidos da vez passada. É verdade que não poderia encontrar a mulher com a criancinha, já que viviam em Honolulu; mas Susie Smith, a menina, mora aqui em Boston. Não a conhece?

— Não — respondeu secamente dona Carew.

— Pois é, que pena. Susie é extremamente simpática, linda mesmo, com aqueles cabelos negros e cacheados que também vou ter quando for para o céu. Quem sabe eu ainda a encontre, não é? Ah, que lindo automóvel! É nele que vamos? — indagou, diante de uma bela limusine, cuja porta um chofer impecavelmente trajado mantinha aberta.

O motorista quis disfarçar um riso, mas não conseguiu. Dona Carew, entretanto, respondeu à pergunta com o tédio de quem acha que andar de automóvel não é mais do que ir de um lugar enfadonho para outro ainda mais enfadonho.

— Sim, é nele que vamos. — E para o atencioso chofer: — Para casa, Perkins.

— Ah, é da senhora! — exclamou Poliana, percebendo das maneiras de dona Carew o ar in-

disfarçável do dono. — Que bom! Vejo que a senhora deve ser riquíssima, mais rica ainda que as que usam tapetes nos quartos e tomam sorvetes no jantar, como dona White, uma das damas da Sociedade Beneficente. Sempre pensei que elas fossem ricas, mas agora compreendo que só é realmente rico quem possui anéis de brilhante, casacos de pele, vestidos de seda para todos os dias e um automóvel. A senhora tem tudo isso, não tem?

— Sim, creio que tenho — admitiu ainda dona Carew com um leve sorriso.

— Então é rica — concluiu Poliana com muita lógica. — A tia Poli também possui tudo isso. Só que o automóvel dela é um cavalo. Ah, como gosto de automóvel! E hoje vai ser a primeira vez, depois que fui atropelada. Naquela ocasião não pude aproveitar o passeio, porque estava sem sentidos quando me puseram no carro. Desde então nunca mais pisei num carro. A tia Poli não aprecia automóveis, o que já não se dá com o tio Tom, que diz precisar de um para atender os clientes. Ele é médico e todos os médicos de Beldingsville possuem automóveis. Mas não sei como vão se resolver com essa história. A tia Poli não quer contrariá-lo, mas quer que ele queira o que ela quiser que ele queira. Então...

Dona Carew não pôde deixar de rir.

— Vejo que vai ser difícil entrarem num acordo — observou ela mais afavelmente.

— Isso mesmo — acrescentou Poliana. — Tia Poli diz que não se importaria de ter um automóvel, contanto que fosse o único no mundo, para não haver perigo de desastres, mas... Ah, quantas casas! — exclamou a menina, olhando em torno com os olhos cheios de admiração. — Não acabam mais! Sei que são necessárias muitas casas, para abrigar toda essa gente que vi na estação, e mais as que vejo aqui nas ruas. Gosto das cidades de muita gente, porque assim poderei ter mais conhecidos. Gosto de gente, e a senhora?

— Gosta de gente, menina?

— Sim, gosto de todo o mundo.

— Pois receio não poder dizer o mesmo! — retrucou dona Carew com um suspiro.

O olhar da viúva perdera o brilho e demonstrava certa desconfiança. Intimamente dona Carew refletia: a julgar pelo primeiro “sermão”, o meu dever é andar em companhia de meus amigos, a exemplo da mana Della...

— Não gosta? Ah que pena! — lamentou Poliana. — São todos tão bons e diferentes uns dos outros. E aqui deve haver muitas pessoas das quais vou ser amiga. A senhora não imagina como estou contente de ter vindo! Tinha certeza de que ia ficar feliz assim que a visse, porque a senhora é irmã de dona Wetherby. Gosto muito de dona Wetherby e imaginei que, como irmãs, seriam parecidas, embora não fossem gêmeas como dona Jones e dona Peck que, mesmo assim, ainda não eram exatamente iguais por causa da verruga. Mas a senhora não sabe disso e tenho de explicar.

E assim aconteceu. Dona Carew, que estava em guarda contra um sermão sobre ética social, viu-se, com grande surpresa, a escutar a história da verruga que nascera no nariz de uma tal dona Peck, da Sociedade Beneficente, em uma cidadezinha do Oeste.

Quando a história acabou, já tinha entrado na avenida Commonwealth, onde Poliana começou a explodir em exclamações a respeito da beleza da rua e da sua largura.

— Creio que todo mundo gostaria de morar aqui! — concluiu com entusiasmo.

— É provável, mas não seria possível — replicou dona Carew, erguendo os sobrolhos, e a menina, tomando esse gesto como desgosto de não ser ali a casa de dona Carew, procurou remendar.

— Quer dizer, não estou falando que as outras ruas também não sejam bonitas, as ruas estreitas... talvez até sejam melhores, porque a gente pode ficar alegre de não ter de andar muito para atravessá-las. Ah... Mas a senhora mora aqui! — exclamou, ao ver que o carro parava em frente a uma fachada magnífica. — É verdade, dona Carew? Mora mesmo aqui?

— Sim, moro, claro que moro — respondeu a dama levemente irritada.

— Ah, como deve ser feliz de morar num lugar assim tão lindo! — exclamou Poliana, descendo do carro e circulando os olhos em redor. — Não está contente?

Dona Carew não respondeu e saltou do automóvel de testa franzida. Isso atrapalhou a menina, que disse, após uns instantes de vacilação, com os olhos ansiosos no rosto da dama:

— Não estou falando do pecado da avareza, ah, não! A senhora talvez tenha pensado, como aconteceu certa vez com tia Poli. Não quero dizer essa felicidade de a gente ter uma coisa que os outros não têm, mas sim a outra felicidade, a que... faz a gente gritar e bater as portas, a senhora sabe, ainda que isto não seja prova de boa educação — concluiu, dançando na ponta dos pés.

O chofer virou as costas rápido e fingiu arrumar qualquer coisa no carro, enquanto dona Carew, sempre séria e carrancuda, subia a escadaria.

— Siga-me, Poliana — foi tudo quanto disse.

Cinco dias mais tarde, Della Wetherby recebeu uma carta de sua irmã. Abriu-a com pressa. Era a primeira que lhe vinha depois da chegada de Poliana a Boston.

Minha cara irmã, pelo amor de Deus, por que não explicou quem era essa menina antes de me induzir a recebê-la aqui? Estou ficando doída e não posso mandá-la embora. Já tentei três vezes, mas assim que abro a boca ela toma a palavra para dizer que se acha encantada de estar aqui e contentíssima de eu a ter tomado enquanto sua tia Poli fica na Alemanha. Diante disso, como posso dizer francamente: "Faça as malas e vá embora, porque não a quero mais aqui"? E o mais absurdo é que nunca lhe passou pela cabeça que eu não a quero aqui e não sei como fazê-la compreender.

Mas quando ela começa com o falatório... ah!, não aturo. Mando-a embora. Lembra-se de que eu disse isto a você — que não aturaria sermões. E não aturo mesmo. Duas ou três vezes percebi que ela estava prestes a começar um falatório, mas a coisa descaía para alguma ridícula história das tais damas da Sociedade Beneficente — e o falatório falhava, o que tem sido uma sorte para ela, caso pretenda ficar aqui.

Mas, Della, devo confessar que essa criaturinha é impossível! Ela é agitada. No dia em que chegou me obrigou a abrir todos os quartos e não ficou satisfeita antes de virar tudo de pernas para o ar, a fim de que "pudesse ver todas essas maravilhas". E declarou que a casa é bonita como a de seu Pendleton lá de Beldingsville. Ignoro quem é, mas imagino que não seja uma dama da Sociedade Beneficente...

Depois, como se não fosse bastante me fazer correr para lá e para cá pelos quartos todos e levantar todas as cortinas, descobriu um vestido de cetim branco que não uso há anos e ficou insistindo para que o vestisse. E não teve jeito, vesti o tal vestido! Um momento de fraqueza, você compreende...

Isso foi apenas o começo. Insistiu depois para ver todas as minhas coisas guardadas e contou umas histórias tão engraçadas das "doações dos missionários", onde desencovava roupas velhas, que fui forçada a rir sem querer — embora com vontade de chorar diante do que a pobre menina andou vestindo. E como uma coisa puxa a outra, dos vestidos passou às jóias e fez tanto barulho com os dois anéis que eu tinha no dedo que me levou a mais uma fraqueza, que foi a de abrir o meu cofre, só pela curiosidade de vê-la arregalar os olhos. E, Della, até fiquei com medo que a menina enlouquesses! Colocou sobre mim todos os anéis, broches, braceletes e colares. Depois ficou dançando em volta de mim, batendo palmas e gritando: "Que lindeza! Que lindeza! Que vontade de pendurar a senhora na janela — como um prisma!".

E eu ia perguntar que história de prisma era aquela, quando a vejo sentar-se no chão, em lágrimas. Sabe por quê? De contentamento por ter olhos — por ter olhos que pudessem ver aquilo! O que é que você acha disso, Della?

E não acaba por aí. Poliana está aqui há apenas quatro dias e encheu completamente esses quatro dias. Já está amiga do carvoeiro, do policial da esquina e até do entregador de jornais. Parecem enfeitados por ela. Mas não vá achando que eu estou também — porque não estou, não estou de jeito nenhum! Eu a mandaria para aí num piscar de olhos, se não fosse o meu trato de mantê-la comigo durante todo o inverno. E quanto à hipótese de que a senhora Poliana me faça esquecer o meu Jamie, isso é absurdo. Ao contrário; ela me faz sentir ainda mais a falta do meu menino. Mas, como já disse, vou

manter a menina aqui, mas só se ela não me vier com essa historinha de ficar cheia de discursinhos. Ah, porque se começar a fazer isso, então não tem escapatória: é direto para casa na mesma hora! Mas ainda não começou, então fique calma...

Com carinho,
Ruth.

— Ainda não começou! — repetiu Della, sorrindo para si mesma ao guardar a carta. — Ah, Ruth, Ruth! E você confessa que abriu todos os quartos da casa, suspendeu todas as cortinas, colocou o velho vestido de cetim e pôs as joias, tudo isso antes de Poliana ter passado aí uma semana! E ela não fez falatório coisa nenhuma, ah, não, não claro que não...



DONA CAREW E O JOGO

Boston foi para Poliana uma experiência nova, e Poliana foi uma experiência nova para a parte de Boston que teve o privilégio de conhecê-la. A menina gostou da cidade, embora a achasse muito grande.

— Sabe de uma coisa... — disse à dona Carew no dia seguinte à chegada. — Eu quero ver tudo, conhecer tudo, mas não posso. Igualzinho aos jantares que tia Poli dava: tanta coisa para comer, e a gente não comia nada; aqui há muito para se ver, mas não vemos nada, porque lá sempre tinha uma atrapalhão sobre a escolha do que comer, e aqui ver, a senhora compreende...

Tomou fôlego e prosseguiu:

— Há muita coisa aqui para a gente ficar alegre, muitas coisas lindas e boas, não boas como remédios, por exemplo, que são bons para a saúde, mas péssimos de tomar. Lá, com os jantares de tia Poli, eu sentia não poder espalhar tantas coisas gostosas por todos os dias da semana e, em Boston, sinto o mesmo. Ah, se eu pudesse levar um Boston para Beldingsville, para ter “qualquer coisa no próximo verão”! Mas como? Cidades não são tortas de maçã com açúcar por cima que a gente possa partir e guardar; e nem com as tortas a gente pode fazer isso, porque azedam e o açúcar mela. Por isso, quero ver tudo que puder enquanto estou aqui.

Há pessoas que, para conhecer o mundo, começam com o que está mais longe, mas Poliana começou a ver Boston pelo mais à mão, como aquela avenida Commonwealth onde morava dona Carew. Durante vários dias, a avenida e a escola tomaram todo o seu tempo.

Havia muito que ver e aprender; na própria casa de dona Carew, tudo lhe parecia lindo e maravilhoso, desde as lâmpadas da parede que, quando acesas, inundavam o aposento de luz elétrica, até a enorme e silenciosa sala de visitas, cheia de grandes espelhos e quadros famosos. Também havia muita gente a conhecer: havia Mary, que cuidava da limpeza, atendia aos toques de campainha e a levava para a escola todos os dias; Bridget, que só cuidava da cozinha; Jennie, que servia à mesa; e Perkins, o chofer. Todos tão interessantes e tão diferentes!

Poliana havia chegado numa segunda-feira e, no primeiro domingo, desceu pela manhã toda radiante.

— Como adoro os domingos! — entrou na sala dizendo.

— Adora, é? — grunhiu dona Carew em tom de quem não adora dia nenhum.

— Claro que sim, e adoro por causa da igreja e da escola dominical. Do que é que a senhora gosta mais, da igreja ou da escola dominical?

— Eu... eu... — começou dona Carew, sem saber o que responder, porque na realidade pouco ia à igreja e nunca frequentara uma escola dominical.

— Fica até difícil de escolher, não é? — acudiu a menina, interpretando de outro modo a indecisão de dona Carew. — Eu gosto mais da igreja por causa de papai. Ele era ministro, como a senhora sabe, e está agora no céu com mamãe e os outros irmãozinhos; mas inúmeras vezes

imagino que ele está aqui, e isso se torna mais fácil na igreja, quando o ministro está pregando. Fecho os olhos e imagino que é papai quem fala. Gosto muito de imaginar coisas, e a senhora?

— Eu... eu não sei, Poliana.

— Pois trate de saber e verá como as coisas imaginadas são mais bonitas que as de verdade, quer dizer, não as suas coisas de verdade, dona Carew, porque essas são realmente lindas.

Dona Carew quis interrompê-la, mas não conseguiu. Poliana continuou:

— Quando fiquei na cama sem poder andar, passava o tempo todo imaginando coisas, imaginando com toda a força. E agora ainda faço isso, especialmente com papai, por isso hoje vou imaginá-lo lá em cima do púlpito, pregando. Que horas a gente vai?

— A gente vai?

— Sim, para a igreja, não é?

— Mas, Poliana, eu não... quer dizer, ainda não sei — balbuciou dona Carew, sem coragem de dizer que não frequentava a igreja, ao ver a expressão confiante no rosto da menina. — Creio que podemos ir quinze para as dez, se sairmos a pé — desembuchou afinal. — É perto.

E foi assim que dona Carew, depois de muito tempo afastada, ocupou naquela manhã de domingo o seu banco de família na igreja próxima, que muito frequentou na infância e de que ainda era um dos mais fortes sustentáculos — no que diz respeito a dar dinheiro, só.

O culto daquele domingo deixou Poliana muito feliz. A maravilhosa música do coral, a luz opalescente através dos vitrais, a voz emocionada do pregador e o murmúrio dos fiéis em oração deixaram-na alguns instantes sem fala. Só depois que se viu na rua pôde retomar o fôlego.

— Ah, dona Carew — começou ela —, estou pensando em como somos felizes de viver um dia de cada vez!

Dona Carew franziu a testa, porque não se sentia com disposição para ouvir mais “falatório” além dos que suportou na igreja, e foi resistente ao projeto de sermão. Lembrou-se, entretanto, que aquele “viver um dia de cada vez” era um pensamento muito importante para sua irmã. “Mas você tem de viver um minuto cada vez, Ruth”, dizia-lhe sempre Della, e “qualquer pessoa pode suportar o que acontece num minuto!”. Essa recordação fez com que respondesse a Poliana de modo mais tranquilo, com um tom levemente curioso.

— É mesmo?

— Sim! — insistiu a menina. — Pense no que seria de mim se tivesse que viver o dia de hoje e o de amanhã ao mesmo tempo... triste, porque há muita coisa linda aqui e eu deixaria passar. Mas não é assim; tive o dia de ontem, e agora estou vivendo o dia de hoje, e tenho tempo para viver o de amanhã, e daqui a pouco vem um novo domingo. Realmente, dona Carew, se hoje não fosse domingo, eu sairia pulando pela rua aos berros, mas, como é domingo, tenho que ir para casa cantar um hino, e vai ser o mais alegre de todos. Qual é o hino que a senhora acha mais alegre?

— Não sei dizer — respondeu dona Carew com amargura, pois para uma mulher que já sofreu tanto, é até desmoralizante ouvir sempre que a vida é tão boa ou que vale a pena vivermos um dia cada vez.

Na manhã seguinte, Poliana foi sozinha à escola. Já conhecia perfeitamente o caminho. Era uma escola particular e bem por isso uma grande novidade, ainda mais para uma menina curiosa como ela. Mostrava-se nisso o oposto de dona Carew, que detestava novidades e já achava demais as que vinha tendo desde a chegada de Poliana. Para uma criatura cansada de tudo, a convivência com outra que se impressiona com tudo acaba sendo cansativa, e dona Carew já se sentia exausta com frequência. Por quê? Por causa da alegria da menina. Se alguém a questionasse e ela fosse obrigada a falar a verdade, teria que confessar sua exaustão.

Chegou, em carta à sua irmã, a escrever que a palavra “contente” já estava dando raiva, e que muitas vezes sentia vontade de riscá-la do dicionário. Isso, talvez, porque a menina admitia que o “contentamento” que tinha era, entre todas, a maior característica dela. Lá pela segunda semana, finalmente, a paciência de dona Carew acabou, e a causa foi uma consequência inesperada, uma questão entre Poliana e uma das damas da Sociedade Beneficente.

— Ela estava jogando o jogo, dona Carew! — concluiu triunfalmente a menina.

Logo em seguida, porém, lembrou-se de que ainda não havia explicado o jogo e continuou.

— Mas... acho que a senhora não sabe ainda...

Dona Carew interrompeu-a:

— Nem quero saber, Poliana. Minha irmã já me contou desse jogo, e devo dizer que não me interessa.

— Não estou dizendo isso, dona Carew! — exclamou a menina como quem se justifica. — Está claro que o jogo não serve para a senhora. A senhora nunca poderá jogar.

— Nunca poderei jogar? — questionou a dama, surpresa. — Por quê? O fato de não querer jogá-lo não diz, de modo nenhum, que não posso jogá-lo.

— Não pode, não, dona Carew! No jogo, devemos encontrar uma coisa que nos faça contentes, mas a senhora nem pode pensar nisso, porque todas as coisas ao seu redor fazem qualquer criatura contente. Num caso assim, o jogo ficaria impossível.

Dona Carew sentiu-se irritada e, na resposta que deu, foi mais longe do que desejava.

— Não, Poliana, não é bem assim. Do jeito que minha vida tem passado, não consigo encontrar nada que me faça sentir contentamento.

A menina olhou-a com espanto.

— Por que, dona Carew?

— Por quê? Porque não tenho nada do que quero. O que de bom tem em minha vida?

— Simplesmente tudo, dona Carew! — murmurou Poliana atônita. — Tem... tem esta casa tão linda!...

— Casa! O que é uma casa senão um lugar para comer e dormir?! E eu não tenho prazer nem em comer, nem em dormir.

— E tem todos estes móveis maravilhosos — continuou a menina.

— Estou cansada deles.

— E tem o seu automóvel, essa máquina mágica que leva a senhora para onde a senhora quer.

— Eu não quero ir para lugar nenhum. — O espanto de Poliana crescia.

— Mas pense no número de coisas e pessoas que a senhora pode ver, dona Carew!

— Não me interessam coisas nem pessoas.

— Mas, dona Carew, eu não entendo! Antes, em Beldingsville, sempre havia coisas más e o jogo podia ser feito, porque, quanto piores são as coisas, melhor é o jogo. Onde não existem coisas más, como aqui, eu não sei como daria para jogar o jogo...

Não houve resposta por alguns instantes. Dona Carew sentou-se junto à janela. Aos poucos a revolta de sua alma se transformava em uma desiludida tristeza, e foi com a voz dolorida que murmurou.

— Poliana, eu não esperava ter que dizer isso, mas direi. Direi a verdadeira razão pela qual nada mais me deixa contente — e narrou toda a história de Jamie, o menino de quatro anos que havia desaparecido da sua vida.

— E a senhora nunca mais o viu em lugar nenhum? — murmurou Poliana com lágrimas nos olhos.

— Nunca mais.

— Mas nós iremos encontrá-lo, dona Carew. Estou certa disso!

Dona Carew balançou a cabeça, desanimada.

— Eu não tenho mais tantas esperanças — disse ela. — Já o procurei por toda parte; até pelos países estrangeiros.

— Mas ele tem que estar em algum lugar, dona Carew!

— Ou... morto, Poliana.

A menina deu um grito.

— Ah, não, dona Carew. Não diga isso. Imagine que Jamie vive! Esse pensamento positivo vai fazer muito bem. Além disso, se a senhora imaginar que ele está vivo, também poderá imaginar que vai encontrá-lo. E essas imaginações ajudarão bastante.

— Mas tenho medo de que ele esteja morto, Poliana — soluçou dona Carew.
— A senhora tem a certeza de que ele está morto?
— Não, não posso ter.
— Então imagina que ele está morto, não é? — disse Poliana triunfante — Pois se a senhora pode imaginar o menino morto, pode também imaginá-lo vivo e será muito melhor, não é? E tenho certeza de que em um belo dia nós o encontraremos, dona Carew! Dona Carew! Estou vendo que a senhora pode jogar o jogo! Pode ficar contente de uma coisa: de que a cada dia que se passa fica mais perto o dia em que vai encontrar o Jamie, está vendo?
Mas dona Carew não “viu”. Ergueu-se como que exausta e disse:
— Não, não, menina! Você não compreende, não pode compreender. Bom, vá cuidar da sua vida, ler ou fazer qualquer coisa. Estou com dor de cabeça e vou me deitar.
Poliana retirou-se para o seu quartinho, perturbada e pensativa.



POLIANA DÁ UM PASSEIO

Foi no segundo sábado após sua chegada que Poliana deu o primeiro passeio. Até então nunca havia saído só, exceto para ir à escola, e como a ideia de que a menina pudesse explorar a cidade de Boston desacompanhada de qualquer pessoa jamais ocorrera a dona Carew, não a havia proibido. Mas, em Beldingsville, o passatempo predileto de Poliana era percorrer as velhas ruas em busca de novos amigos ou novas aventuras.

No sábado a que nos referimos, à tarde, dona Carew tinha repetido aquela sua frase de costume: “Vá, Poliana, vá fazer o que quiser, mas, por favor, não me atrolepe mais com perguntas”. Até então a menina se limitara, quando ouvia isso, a descobrir coisas que a interessassem dentro da própria casa ou a conversar com os empregados. Naquele dia, entretanto, Mary estava com dor de cabeça; Bridget, ocupadíssima com uma torta de maçãs, e Perkins fora às compras. Casa vazia e lá fora um maravilhoso dia de setembro. Poliana resolveu sair. Desceu a escadaria. Parou. Olhou. Homens bem-vestidos, mulheres e crianças passavam com pressa pela frente da casa ou pelo caminho arborizado que corre pelo eixo da avenida.

Poliana pisou na calçada, olhou para a direita e para a esquerda, ainda indecisa; depois decidiu: iria também dar um passeio. Estava um ótimo sábado e até aquele dia não havia dado nenhum passeio de verdade; ir à escola não contava, não era passeio. Dona Carew não faria caso, pois disse: “Faça o que quiser”, estava, portanto, livre de gastar toda a tarde no passeio que quisesse. E, assim refletindo, pôs-se a caminhar pela avenida abaixo.

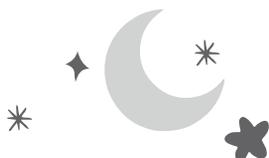
La distribuindo sorrisos a todos os pedestres; até se desapontava, embora não se surpreendesse, de não receber nenhuma retribuição. Em Boston, terra de gente que não ri, já estava acostuada com isso. Ainda assim insistia. Podia ser que de repente o procurado sorriso aparecesse.

A casa de dona Carew ficava no extremo da avenida; andando um quarteirão, Poliana chegou à esquina da primeira quadra e deu com o mais belo “quintal” que seus olhos já tinham visto: o jardim público de Boston. Por uns momentos, a menina hesitou, de olhos arregalados para a beleza desdobrada diante de si, evidentemente o maravilhoso quintal de alguma casa muito rica. Certa vez, no centro de recuperação, fora com o doutor Ames passear no parque de uma residência rica, com árvores e gramados exatamente como aqueles.

Poliana sentiu uma forte vontade de atravessar a rua e entrar no parque, mas ficou na dúvida se poderia fazê-lo. Havia gente lá dentro, conseguia vê-los; eram com certeza convidados. Nisso viu um homem, seguido de duas moças e uma menininha, todos entraram no parque na maior tranquilidade, e concluiu que também ela poderia entrar. Encheu-se de ânimo, atravessou a rua e entrou.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023